

CATA-VENTO

Julho de 1920

(Fuente Vaqueros, Granada)

Vento do Sul.
Moreno, ardente,
Chegas à minha carne,
Trazendo-me a semente
De brilhantes
Olhares, empapado
Do olor de laranjais.

Tornas vermelha a lua
E soluçantes
Os álamos cativos, mas chegas
Demasiado tarde!
Já enrolei a noite do meu conto
Na estante!

Sem nenhum vento,
Repara em mim!
Gira, coração;
Gira, coração.

Brisa do Norte,
Urso branco do vento!,
Chegas à minha carne
Trémulo de auroras
Boreais,
Com tua capa de espectros
Capitães,

Y riyéndote a gritos
Del Dante.
¡Oh pulidor de estrellas!
Pero vienes
Demasiado tarde.
Mi almario está musgoso
Y he perdido la llave.

Sin ningún viento,
¡Hazme caso!
Gira, corazón;
Gira, corazón.

Brisas, gnomos y vientos
De ninguna parte.
Mosquitos de la rosa
De pétalos pirámides.
Alisios destetados
Entre los rudos árboles,
Flautas en la tormenta,
¡Dejadme!
Tiene recias cadenas
Mi recuerdo,
Y está cautiva el ave
Que dibuja con trinos
La tarde.

Las cosas que se van no vuelven nunca,
Todo el mundo lo sabe,
Y entre el claro gentío de los vientos
Es inútil quejarse.
¿Verdad, chopo, maestro de la brisa?
¡Es inútil quejarse!

Sin ningún viento,
¡Hazme caso!
Gira, corazón;
Gira, corazón.

E a rir-te aos gritos
De Dante.
Oh polidor de estrelas!
Mas vens
Demasiado tarde.
Meu armário está musgoso
E eu perdi a chave.

Sem nenhum vento,
Repara em mim!
Gira, coração;
Gira, coração.

Brisas, gnomos e ventos
De nenhuma parte.
Mosquitos da rosa
De pétalas pirâmides.
Alísios desquitados
Entre as rudes árvores,
Flautas na tempestade,
Deixai-me!
Tem potentes cadeias
Minha lembrança,
E está cativa a ave
Que desenha com trinados
A tarde.

As coisas que se vão não voltam nunca,
Toda a gente o sabe,
E entre a clara multidão dos ventos
É inútil queixar-se.
Não é verdade, mestre da brisa, choupo?
É inútil queixar-se!

Sem nenhum vento,
Repara em mim!
Gira, coração;
Gira, coração.

CANCIÓN OTOÑAL

Noviembre de 1918
(Granada)

Hoy siento en el corazón
Un vago temblor de estrellas
Pero mi senda se pierde
En el alma de la niebla.
La luz me troncha las alas
Y el dolor de mi tristeza
Va mojando los recuerdos
En la fuente de la idea.

Todas las rosas son blancas,
Tan blancas como mi pena,
Y no son las rosas blancas,
Que ha nevado sobre ellas.
Antes tuvieron el iris.
También sobre el alma nieva.
La nieve del alma tiene
Copos de besos y escenas
Que se hundieron en la sombra
O en la luz del que las piensa.
La nieve cae de las rosas
Pero la del alma queda,
Y la garra de los años
Hace un sudario con ella.

¿Se deshelerá la nieve
Cuando la muerte nos lleva?
¿O después habrá otra nieve
Y otras rosas más perfectas?

¿Será la paz con nosotros
Como Cristo nos enseña?
¿O nunca será posible
La solución del problema?

¿Y si el Amor nos engaña?
¿Quién la vida nos alienta

CANÇÃO OUTONAL

Novembro de 1918
(Granada)

Sinto hoje no coração
Um vago tremor de estrelas;
Mas a minha senda perde-se
Por entre a alma da névoa.
Vem a luz cortar-me as asas
E a dor da minha tristeza
As lembranças vai molhando
Lá na nascente da ideia.

Todas as rosas são brancas,
Branças como a minha pena,
E não são as rosas brancas,
Pois caiu neve sobre elas.
Antes veio o arco-íris.
Também sobre a alma neva.
A neve da alma tem
Flocos de beijos e cenas
Que se sumiram na sombra
Ou na luz de quem as pensa.
A neve tomba das rosas,
Mas a neve da alma resta,
E o impulso dos anos
Faz um sudário com ela.

Irá degelar-se a neve
Quando a morte vem, nos leva?
Ou depois há outra neve
E outras rosas mais perfeitas?

Teremos a paz connosco
Tal como Cristo nos prega?
Ou nunca será possível
A solução do problema?

E se o Amor nos engana?
Quem a nossa vida alenta